

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Zelensky aceita congelar front e fim do conflito ganha força

Rússia ocupa hoje 19,4% da Ucrânia, incluindo os 7,3% da Crimeia

/ GUERRA NA UCRÂNIA

Enquanto o presidente Vladimir Putin negociava os rumos da Guerra da Ucrânia com o enviado de Donald Trump em São Petersburgo, seu rival Volodymyr Zelensky afirmou a uma TV dos Estados Unidos que um acordo de paz pode ser negociado com o congelamento imediato das linhas de frente no seu país. Questionado se toparia parar a guerra onde ela está por um repórter da Fox News, o ucraniano disse: “Sim. Se tivermos que congelar tudo agora, acho que essa é a verdadeira maneira de acabar com esta guerra”.

Segundo o monitor ucraniano DeepState, Putin hoje ocupa 19,4% da Ucrânia, incluindo os 7,3% que detinha da Crimeia anexada em 2014 e dos territórios controlados por separatistas pró-Rússia desde aquele ano, quando o governo aliado do Kremlin foi derrubado em Kiev. A coreografia diplomática do dia foi empregada em um dos piores momentos de Zelensky na guerra iniciada por Putin em 2022. Há duas semanas, Trump adotou novamente uma política favorável a Moscou para tentar solucionar o conflito.

Fechou um acordo para comprar diesel russo, de olho no efeito da inflação de combustíveis devido à sua guerra no Irã nas chances de manter o controle do Congresso no pleito de novembro, e suspendeu um pacote de sanções contra Moscou.

Putin recebe Witkoff para discutir guerra na Ucrânia

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, recebeu ontem, em São Petersburgo, o enviado dos Estados Unidos Steve Witkoff para discutir uma saída negociada para a guerra na Ucrânia. O encontro ocorreu um dia após o representante de Donald Trump conversar com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e líderes europeus em Oslo, em meio à pressão de Washington para que Kiev aceite um acordo com Moscou.

Na abertura da reunião, segundo informações do Kremlin, Witkoff defendeu a retomada de conversas trilaterais entre EUA, Rússia e Ucrânia para avançar nas negociações de paz. Ele classificou o encontro na Noruega como “pro-



JONATHAN NACKSTRAND/AFP/IC

Ucraniano vive um dos momentos mais frágeis desde o início da guerra

Tornou intermitente o compartilhamento de informação sobre lançamentos balísticos contra a Ucrânia e a cobertura de satélite militar para as forças de Zelensky, problemas em tese resolvidos agora. A autoria do corte na rede Starshield ainda é um mistério: o dono do serviço, Elon Musk, diz que os militares americanos são os operadores. Já a Casa Branca negou ter feito o corte, e o Wall Street Journal publicou reportagem culpando Musk pela ação.

Seja como for, o recado foi dado, até porque Trump foi ainda mais explícito: pediu a realização de eleições e a saída de Zelensky, irritado com a manutenção dos ataques com drones a refinarias russas. Os parceiros europeus de Kiev assistiram a tudo com um misto de horror e impotência.

Apesar de satisfeitos, os russos

sabem que este é o modus operandi negocial de Trump, desenhado no livro “A Arte do Negócio” (1987), então querem aproveitar o momento de pressão antes que o americano resolva aliviar a situação de Zelensky e virar-se contra Putin, como já fez em outras ocasiões.

Assim, ganham tempo sinalizando disposição para conversas que observadores na Rússia temem escamotear o fato de que Putin acredita em vitória militar contra o vizinho.

Há a expectativa de que algum avanço possa ocorrer no mês que vem, durante o encontro da associação dos países da Ásia-Pacífico na China. Está sendo costurado um encontro de cúpula entre Trump, Xi Jinping e Putin, algo que críticos do russo veem apenas como uma legitimação de sua posição no conflito.

prisioneiros em troca.

Apesar da movimentação diplomática, Moscou e Kiev permanecem distantes sobre os termos de um eventual acordo, especialmente quanto a territórios ocupados e garantias de segurança. Na terça-feira, Trump cobrou que Zelensky chegue a um entendimento, enquanto o chanceler russo, Sergei Lavrov, disse estar disposto a ouvir novas propostas americanas, mas sem esperar “milagres”. O presidente da Finlândia, Alexander Stubb, afirmou que as conversas em Oslo tiveram “avanços reais”.

Em paralelo, ataques russos deixaram ao menos cinco mortos na Ucrânia nesta quarta-feira.

Paris tem toque de recolher decretado pelo terceiro dia seguido

/ FRANÇA

A França decretou ontem um toque de recolher em alguns bairros de Paris pela terceira noite consecutiva, para evitar tumultos como a onda de violência do último fim de semana. A medida vale das 23h às 6h, no horário local, e abrange duas áreas da capital: a Praça da República, um dos epicentros dos confrontos de sábado, e a região comercial de Les Halles.

Autoridades da capital também proibiram aglomerações a partir das 20h até a manhã de quinta em áreas estratégicas mais amplas, como a avenida Champs-Élysées, um dos principais pontos turísticos, e as estações ferroviárias.

A França se prepara para uma nova rodada de manifestações no próximo sábado. A Unef, principal entidade estudantil do país, convocou novos atos, e o movimento dos Coletes Amarelos apresentou às autoridades um plano de marcha pelo centro de Paris.

Sob pressão, o primeiro-ministro Sébastien Lecornu anunciou uma mobilização policial maciça. O governo prometeu uma operação de segurança reforçada, após reconhecer falhas na respos-

ta inicial, e há previsão de que tropas do Exército sejam mobilizadas junto com contingentes policiais adicionais.

A bancada do partido da ultradesquerda França Insucessa (LFI), liderada pelo presidente Jean-Luc Mélenchon, criticou o plano. “Os manifestantes não são inimigos internos. O governo francês não deve entrar em guerra contra seu próprio povo”, afirmou a legenda, em comunicado.

Lecornu reuniu-se com as principais centrais sindicais, que denunciaram a falta de anúncios concretos em resposta às reivindicações sobre salários e serviços públicos. O prefeito do departamento do Rhône anunciou a proibição de uma manifestação prevista para a tarde desta quinta-feira, em Lyon, organizada pela Unef.

Macron, que se reunirá hoje com autoridades de inteligência e ministros de alto escalão para discutir a crise, prometeu impedir a repetição da violência.

Os protestos começaram com mobilizações de estudantes do ensino médio contra a queda da qualidade do ensino e a deterioração das escolas, mas se ampliaram e passaram a refletir a insatisfação com a alta dos preços e a piora dos serviços públicos.

Supertufão Champi se torna a maior tempestade do ano e ameaça a Ásia

/ CLIMA

O ciclone tropical (supertufão) Champi se transformou na tempestade mais forte do ano no planeta. Com ventos de quase 300 km/h e rajadas estimadas em 360 km/h, o ciclone de categoria 5 avança pelo Pacífico Ocidental e ameaça Taiwan, China e áreas das Filipinas. A previsão indica que o sistema deverá provocar ondas gigantes, chuva intensa e ventos potencialmente destrutivos em diferentes áreas da Ásia nos próximos dias. As informações são da Metsul Meteorologia.

Champi é o quarto ciclone de categoria 5 da temporada no Pacífico Ocidental e o sétimo no mundo em 2026, conforme os bancos de dados de ciclones tropicais dos centros mundiais de Meteorologia.

O supertufão ocorre durante um ano marcado por intensa atividade ciclônica no Pacífico. O El Niño modifica a circulação atmosférica e as condições oceânicas, influenciando a atividade dos ci-

clones em diferentes regiões. No Atlântico, o El Niño traz menos ciclones tropicais, mas no Pacífico faz aumentar muito o número de ocorrências do fenômeno.

Depois de passar nas proximidades de Guam, nas Ilhas Marianas, Champi avançou pelo Mar das Filipinas e se aproxima de Taiwan. As autoridades da ilha acompanham a trajetória e se preparam para a possibilidade de ventos fortes, precipitação volumosa e condições marítimas perigosas. A previsão indica que o período de maior aproximação poderá ocorrer entre esta sexta-feira e o sábado. O Norte e o Leste do território estão entre as áreas que poderão enfrentar os impactos mais significativos.

Na China continental, cidades como Xangai, Hangzhou, Ningbo e Fuzhou poderão registrar transtornos, inclusive no transporte aéreo. A possibilidade de interrupções em aeroportos dependerá da evolução da tempestade e das condições meteorológicas locais.